

O que Ulysses realmente quer

Ricardo Noblat

Por mais que seus fiéis discípulos insistam em dizer o contrário, na verdade o deputado Ulysses Guimarães não é candidato para valer a mais um mandato de presidente da Câmara Federal — que a futura Constituição denominará, mais apropriadamente, de Câmara dos Deputados. Não é não. E por isso, não está, de fato, interessado na aprovação de uma emenda que o permitiria reeleger-se mais uma vez.

Ulysses foi reeleito em fevereiro do ano passado atropelando o artigo da Constituição em vigor que o proibia de disputar o cargo que não chegou a largar. Derrotou a candidatura do deputado Fernando Lyra, na época ainda no PMDB. Tinha uma poderosa razão a animá-lo a fazer o que fez: como presidente da Câmara, poderia atuar com mais desenvoltura para que a Constituinte fluísse sem maiores empecilhos.

Acumulou, por isso mesmo, a presidência da Câmara com a presidência da Constituinte. Está certo de que agiu com prudência — embora a quantidade de poderes que reuniu tenha lhe custado a incompreensão de vários dos seus correligionários. Imaginem, argumenta Ulysses, se como presidente da Constituinte fosse obrigado a negociar com um presidente da Câmara não totalmente de acordo com seus pontos de vista?

A colisão entre os poderes seria inevitável. A Câmara abriga a Constituinte. Como presidente da Câmara, Ulysses substituiria Sarney na Presidência da República. Essa condição ajudou o deputado a funcionar, muitas vezes, como um amortecedor entre Sarney e a Constituinte — um freio para as reações iradas do presidente e um elemento capaz de negociar matérias de interesse do presidente dentro da Constituinte.

Se tudo correr como Ulysses imagina, a Constituinte encerrará seus trabalhos até o final de setembro — e, com isso, o deputado se verá livre de muitas de suas atuais funções. Estarão próximas as eleições de novembro que cobrarão do PMDB um preço muito elevada por seu apoio ao desgastado governo de Sarney — e pelos caminhos e descaminhos de uma República que se ofereceu como algo novo, que não foi e que não é.

O PMDB terá que ser rearticulado para enfrentar a



JORNAL DO BRASIL

primeira eleição presidencial por voto direto desde 1961. Quem melhor que Ulysses, eterno presidente do partido, poderá se encarregar disso? Como fazê-lo se concordar com a possibilidade de disputar, uma vez mais, a presidência da Câmara? O cargo retém em Brasília seu ocupante e implica o desempenho de múltiplas e estafantes atribuições.

Sobraría pouco tempo a Ulysses para azeitar a máquina de um partido que sairá ferido na disputa em novembro nas principais capitais do país. Hoje, o PMDB perde em São Paulo, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em Recife. Está em situação difícil em Porto Alegre e em Florianópolis. Por dissensões internas, partiu mal na corrida para assegurar a prefeitura de Fortaleza e de Vitória.

Se colher, de fato, resultados bastante adversos em novembro, vai desejar se afastar ainda mais velozmente do governo de Sarney, a quem atribuirá a principal razão do seu insucesso. O ministro Antônio Carlos Magalhães já ensinou que só se briga com o governo no último ano do seu mandato. De mais a mais, Ulysses não esconde que é aspirante a candidato do PMDB a presidente da República.

Terá mais é que fazer da nova Constituição a plataforma de sua campanha e que assumir uma postura, no mínimo, de independência em relação ao governo. Como fazer isso substituindo Sarney na Presidência da República em seus eventuais impedimentos? Se mantiver sua aspiração de ser candidato, para que se reeleger presidente da Câmara em fevereiro se a partir de maio não poderá mais substituir Sarney no cargo?

A legislação diz que, se o fizer, estará impedido de disputar em novembro de 1989 a Presidência da República. Ninguém arriscará de Ulysses a confissão antecipada de que não pretende continuar presidindo a Câmara — primeiro, porque ele não ganhará nada confessando isso desde agora, segundo porque o processo político é dinâmico e, até fevereiro, muita coisa poderá mudar.

A habilidade, a esperteza e a competência política são qualidades reconhecidas de Ulysses. Ao deixar a porta aberta para se reeleger presidente da Câmara, ele estará, na pior das hipóteses, se fortalecendo para negociar o apoio na hora da escolha do seu sucessor. Assim, por ora, poderá lhe interessar a aprovação da emenda que removeria qualquer obstáculo à sua recondução ao cargo.

Sarney deve compreender o jogo de Ulysses. Começa a se preparar para ter outro substituto. Recentemente, conversou a respeito com o ministro Prisco Viana. O ministério de Prisco será esvaziado por conta do novo orçamento da União. Prisco poderá suceder Ulysses na presidência da Câmara dos Deputados.